

e-mail:educacao@cbdtta.com.br

EDUCAÇÃO

Aulas em silêncio

Com menos preconceito, cresce a integração de deficientes entre os demais alunos. Mas especialistas defendem escolas para surdos

Humberto Rezende
Especial para o Correio

De uns anos para cá, o preconceito foi vencido e alunos portadores de deficiências passaram a ser comuns em escolas regulares e começaram a dividir o espaço com os demais alunos. Mas agora uma nova discussão divide os especialistas simpáticos à inclusão: colocar uma criança surda em uma sala de ouvintes é a melhor saída para a sua educação?

A pergunta interessa a muita gente. No Brasil, são 145 mil surdos e 42.408 estão freqüentando escola. E é também uma questão complexa: de todas as deficiências, a surdez é a mais difícil de lidar. O aluno surdo tem dificuldades de se comunicar com colegas e professores, e, sem comunicação, fica difícil aprender. Esse é o principal argumento dos que defendem escolas especiais para surdos, com professores que dão aulas na linguagem de sinais (Libras).

"Inclusão não é colocar o surdo no mesmo espaço que os ouvintes. É dar condições de aprendizagem e competitividade no mercado de trabalho compatíveis com suas necessidades", argumenta Sabine Vergamini, coordenadora da Escola Especial para Crianças Surdas da Fundação de Rotarianos de São Paulo. Na escola, todos os professores se comunicam com os alunos pela Libras.

Por outro lado, existem aqueles que acham que crescer em uma escola onde só há surdos não prepara a pessoa para enfrentar o mundo externo, dominado por ouvintes e sons. Em uma pequena sala do Centro Educacional da Audição e Linguagem (Ceal), na Asa Norte, a pequena

Natália Pantaleão, dois anos, ensaia os primeiros sons no microfone de um aparelho de estimulação vocal.

Cada vez que a menina emite um som, luzes vermelhas se acendem em um painel, indicando que ela está fazendo o exercício corretamente. A mãe, Yara, 21 anos, assiste orgulhosa, e conta que a filha, que tem perda auditiva profunda, já consegue pronunciar as primeiras palavras: mama, papá, vovó.

No Ceal, as crianças são estimuladas desde cedo a aprender leitura labial e exercitar a oralidade, para depois serem incluídas nos colégios regulares. Lá elas cursam a pré-escola e, se necessário, as séries iniciais. "Mas até a 2ª série, todas estão integradas nas escolas regulares", diz o diretor da instituição, Padre José.

O objetivo é fazer com que Natália se torne uma criança como Deborah Souza, 16 anos, deficiente auditiva desde que nasceu e freqüentadora do Ceal desde os quatro meses. Deborah cursa o 2º ano no colégio Ceub e consegue se comunicar normalmente pela fala. Nas aulas, senta-se à frente e entende o que os professores falam lendo seus lábios.

ODONTOLOGIA

"No começo, os professores se viravam de costas quando davam aula. Isso me atrapalhava. Mas hoje eles se acostumaram e meus colegas me ajudam", conta a garota, com a voz totalmente compreensível. À tarde ela vai para o Ceal receber aulas de reforço e já sonha com o curso de odontologia.

O Ceal ainda tem técnicos itinerantes, que visitam as escolas onde os alunos estão integrados para orientar os professores. Hoje a insti-

Fotos: Nehil Hamilton



Natália, matriculada no Ceal da Asa Norte: mesmo com perda auditiva profunda, ela surpreende professores e orgulha a mãe falando papá, mamã, vovó

tução acompanha 160 alunos. Desse, 110 recebem aulas de reforço.

Para Padre José, ainda falta muito investimento para dar o atendimento correto a essas crianças, mas ele defende a integração. "O surdo não pode ser tratado como um coitado e viver isolado. Deve aprender a enfrentar o mundo lá fora e descobrir que é capaz de lutar e vencer".

A polêmica sobre a melhor forma de ensinar crianças surdas não

acontece só no Brasil. A Espanha, país que serve de modelo em todo o mundo para iniciativas de integração de crianças especiais, está começando a implementar novamente escolas especiais para deficientes auditivos. Aqui a discussão começa a ganhar corpo.

Acontece, em São Paulo, nos dias 28 a 30 de junho, o I Seminário Brasileiro de Educação de Surdos. "O objetivo é reunir especialistas com

visões diferentes sobre o assunto e chamar a atenção da sociedade para a discussão do problema", diz Daisy Maria Del Nero, superintendente do Instituto de Tecnologia Avançada em Educação (Itae).

O Ministério da Educação também está preocupado em discutir o assunto e vem organizando reuniões com especialistas de várias universidades brasileiras. "O que já definimos é que a ênfase principal da educação de

surdos deve ser a leitura e a escrita e não a oralidade, já que cada criança tem suas próprias limitações", diz a coordenadora de ensino especial do MEC, Marlene Gotti.

SERVIÇO

Ceal — (061) 349-9944
Escola Especial Para Crianças Surdas —
(011) 7922-0505
I Congresso Brasileiro de Educação de Surdos — (011) 3862-5420